

USO DE ESPÉCIES VEGETAIS NO TRATAMENTO E CURA DE DOENÇAS PELOS INDÍGENAS TENHARIM NA AMAZÔNIA

Use of plants species in the treatment and cure of diseases by the tenharim indigenous in the Brazilian Amazon Rainforest

Uso de especies de plantas en el tratamiento y cura de enfermedades por parte de los indígenas tenharim en la selva amazónica brasileña



Fábio Rossano DARIO – Ploaia Agronomia, Ecologia e Meio Ambiente. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9236-8755>. URL: <http://lattes.cnpq.br/3318085652654563>
EMAIL: fabiorossano@hotmail.com

Marcos Paulo SANDRINI – Lumina Consultoria Ambiental Ltda ME. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0505-7909> URL: <http://lattes.cnpq.br/6352263252675415>
EMAIL: sandrini_marcos@yahoo.com.br

RESUMO

Neste estudo de etnobotânica realizado em território indígena Tenharim, localizado no interior do estado do Amazonas, Brasil, constatou-se, através de entrevistas, a utilização de mais de 300 espécies vegetais, sendo a maioria de ocorrência natural do bioma Amazônia e outras introduzidas para diversas finalidades, como medicinal, alimento, artesanato, lenha, utensílios e construções em geral. Entre esta grande diversidade vegetal, 104 espécies são utilizadas na medicina profilática e curativa destes indígenas. O objetivo deste estudo foi realizar um levantamento do conhecimento que os tenharim possuem sobre a vegetação existente no seu território. O método de coleta de dados utilizado foram entrevistas abertas e semiestruturadas. O conhecimento das plantas e a relação dos seres humanos com a natureza não são passados e nem aprendidos de maneira sistemática e formal entre estes indígenas e são poucos os detentores destes conhecimentos. A grande variedade de espécies vegetais registradas demonstrou que o uso das plantas é bem abrangente e muito importante na sobrevivência cultural e ecológica dos tenharim.

Palavras-chave: Etnobotânica; Comunidades tradicionais; Indígenas da Amazônia.

ABSTRACT

In this ethnobotany study accomplished in the Tenharim indigenous territory, located in the State of Amazonas, Brazil, through interviews was verified the use of more than 300 species plant, being most part of natural occurrence of the Amazon biome and the others introduced for several purposes, such as medicine, food, handicrafts, firewood, utensils and buildings in general. Among this great plant diversity, 104 species are used in the prophylactic and curative medicine of these indigenous. The objective of this study was to accomplish a gathering of the knowledge that Tenharim possess about the vegetation of their territory. The knowledge of the plants and man's relationship with the nature neither are passed or learned in a systematic or formal way among these natives, there are few that holden these knowledge. The great

Histórico do artigo

Recebido: 01 julho, 2021

Aceito: 15 outubro, 2021

Publicado: 04 novembro, 2021

variety of registered plant species demonstrated that the use of the plants is comprehensive, and very important in the cultural and ecological survival of the Tenharim.

Keywords: Ethnobotany; Traditional communities; Indigenous people of Amazonian.

RESUMEN

En este estudio de etnobotánica realizado en territorio indígena Tenharim, ubicado en el interior del estado de Amazonas, Brasil, se constató, a través de entrevistas, la utilización de más de 300 especies vegetales, siendo la mayoría de ocurrencia natural del bioma Amazonia y otras introducidas para diversas finalidades, como medicinal, alimento, artesanía, leña, utensilios y construcciones diversas. Entre esta gran diversidad vegetal, 104 especies se utilizan en la medicina profiláctica y curativa de estos indígenas. El objetivo de este estudio fue realizar un levantamiento del conocimiento que los tenharim poseen sobre la vegetación existente en su territorio. Como método de recolección de datos fueron utilizadas entrevistas abiertas semiestructuradas. El conocimiento de las plantas y la relación de la humanidad con la naturaleza no son pasados ni aprendidos de manera sistemática y formal entre estos indígenas y son pocos los poseedores de estos conocimientos. La gran variedad de especies vegetales registradas demostró que el uso de las plantas es muy amplio y muy importante en la supervivencia cultural y ecológica de los tenharim.

Palabras-clave: Etnobotánica; Comunidades tradicionales; Indígenas de la Amazonia.

1 INTRODUÇÃO

O uso das espécies vegetais com fins de tratamento e cura de doenças e seus sintomas se perpetuou na história da civilização humana e chegou até os dias atuais, sendo amplamente utilizado por grande parte da população mundial como eficaz fonte terapêutica. Planta medicinal é todo e qualquer vegetal que, uma vez aplicado sob determinada maneira e por alguma via ao ser humano, é capaz de promover um efeito farmacológico (SALVI; HEUSER, 2008).

A etnobotânica é a ciência ligada à botânica e à antropologia, que estuda as interações entre as plantas e as sociedades humanas, em sistemas dinâmicos, consistindo também na compreensão dos usos e aplicações tradicionais dos vegetais pelas mesmas. É uma ciência multidisciplinar, que engloba conhecimentos botânicos, antropológicos, farmacológicos, ecológicos e linguísticos (ALCORN, 1995).

O conhecimento ecológico tradicional é um sistema de conhecimento que reflete a adaptação das populações humanas em seus ambientes. A etnobotânica tem contribuído não só para resgatar conhecimento tradicional, que está em processo de se perder pelo choque com a cultura dominante, como para resgatar e valorizar os próprios valores das culturas com que entra em contato. Tem também apoiado etnias minoritárias no embate contra a apropriação intelectual indevida do conhecimento das propriedades terapêuticas

de plantas medicinais por grupos econômicos, que registram princípios ativos como propriedade privada, em contraste com as informações tradicionais que lhes foram cedidas gratuitamente (MINNIS, 2000).

Um conhecimento abrangente das práticas indígenas em relação à vegetação pode ser obtido por intermédio de estudos etnobiológicos. Entre os enfoques que mais têm contribuído para o estudo do conhecimento das populações tradicionais estão as etnociências, que se fundamentam na linguística para estudar os saberes das populações humanas sobre os processos naturais, tentando descobrir a lógica subjacente ao conhecimento humano do mundo natural, as taxonomias e as classificações totalizadoras (DIEGUES et al., 2000).

O principal objetivo deste estudo foi identificar a diversidade de espécies vegetais utilizadas no tratamento e cura de doenças pelos indígenas tenharim, da Terra Indígena Tenharim/Marmelos, localizada na Mesorregião do Sul Amazonense, Microrregião do Madeira, nos municípios de Humaitá e Manicoré, estado do Amazonas, Brasil e destacar a importância do conhecimento destes indígenas na contribuição para a ciência. Espera-se que estas investigações etnobotânicas tragam contribuições para a conservação da diversidade biológica e cultural da região estudada, para a compreensão de diferentes aspectos do comportamento humano, como as estratégias de sobrevivência e adaptação ao meio ambiente, classificação, manejo e conservação dos recursos naturais, nas diversas formas de transmissão dos conhecimentos, alicerçando e estreitando as relações de parentesco entre os membros da comunidade estudada.

Tenharim é o nome dado pelos não indígenas para um dos vários grupos indígenas kagwahiva que vivem na extensa bacia do rio Madeira, no bioma Amazônia. Estes grupos, ainda que vivam em regiões geograficamente distantes, se reconhecem enquanto kagwahiva e têm em comum, além da língua tupi-kagwahiva, o processo histórico de deslocamento da bacia do rio Tapajós para a bacia do rio Madeira e a organização social que apresenta um sistema de metades exogâmicas.

“Todo kagwahiva pertence pelo nascimento e de modo vitalício a uma destas duas metades, o que faz determinar o domínio da pessoa no interior do grupo local, como descendência, casamento, grupo de residência e grupo de trabalho” (MENÉNDEZ, 1989, p.8).

O sistema de metades matrimoniais se estrutura a partir da oposição existente entre dois pássaros, o mutum (mytunangwera) e o gavião (kwandua taravea). Dessa oposição depreende-se uma série de conexões e diálogos com outras etnografias e com a teoria

antropológica, principalmente a que trata da temática do dualismo e do perpétuo desequilíbrio dos sistemas amazônicos (LÉVI-STRAUSS, 2008).

Estes grupos indígenas se distribuem no médio rio Madeira, estado do Amazonas, no alto rio Madeira e rio Machado em Rondônia. Os kagwahiva são divididos, para melhor compreensão da sua distribuição geográfica, na bacia do rio Madeira, entre setentrionais e meridionais. Os kagwahiva setentrionais são constituídos pelos tenharim, parintintin e jiahui. Os kagwahiva meridionais são formados pelos amondawa, jupaú e karipuna.

Os tenharim vivem em três territórios indígenas diferentes, os tenharim do igarapé Preto, os tenharim do rio Sepoti e os tenharim do rio Marmelos ou da Transamazônica (PEGGION, 2006), grupo que participou deste estudo.

A abordagem utilizada neste estudo foi qualitativa, pelo fato dos dados terem sido obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, seguindo diálogos livres na obtenção de dados descritivos oriundos de relatos do público-alvo (VIERTLER, 2002). A fundamentação na abordagem deste trabalho, com a metodologia qualitativa, abrange uma construção socioafetiva do conhecimento, uma vez que tal conhecimento faz parte da história e da realidade dos sujeitos.

Segundo Minayo e Sanches (1993), o objeto da abordagem qualitativa é o nível das percepções e dos sentimentos, em constante interação com os elementos ecológicos, dos significados, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores, que se expressam pela linguagem comum e na vida cotidiana, procurando aprofundar-se na complexidade dos fenômenos.

2 METODOLOGIA

2.1 Localização do território indígena contemplado neste estudo

O território indígena contemplado neste estudo é o do grupo do rio Marmelos (Ytyngy'hu), formado por dez aldeias. Antigamente, antes da abertura da rodovia Transamazônica (BR-230), conviviam numa única aldeia à margem do rio Marmelos, na área onde atualmente a rodovia Transamazônica cruza o rio (PEGGION, 2006). Seguindo a própria dinâmica social de fusão e fissão de grupos, houve um processo de surgimento de novas aldeias. Todas elas foram erguidas onde havia aldeias antigas. A situação jurídica desta terra indígena encontra-se consolidada, uma vez que seu processo de regularização foi concluído com a sua homologação em 05/01/1996 (ISA, 2018).

A Terra Indígena Tenharim/Marmelos possui área oficial de 497.521 hectares e localiza-se integralmente no estado do Amazonas, nos municípios de Humaitá e Manicoré, entre as coordenadas geográficas 7º48' e 8º53' de latitude sul e 61º35' e 62º10' de longitude oeste (Figura 01).

De acordo com o senso realizado neste estudo, através de informações colhidas nas aldeias, a Terra Indígena Tenharim/Marmelos contava, em outubro de 2014, com 710 indígenas, distribuídos em oito aldeias localizadas nas margens da rodovia Transamazônica: Vila Nova, Marmelos, Bela Vista, Trakuá, Kampinhu, Taboka, Mafuí e Kastanheira e duas aldeias localizadas na rodovia do Estanho: Jakuí e Karanaí.

Figura 01 – Localização da Terra Indígena (TI) Tenharim/Marmelos.



Fonte: ISA - Instituto Socioambiental (2018).

2.2 Caracterização da paisagem na região de estudo

A Terra Indígena Tenharim/Marmelos está inserida no bioma Amazônia, com as seguintes formações vegetais: Floresta Ombrófila Aberta com cipós na porção noroeste; Floresta Ombrófila Densa das Terras Baixas com dossel emergente associada à Floresta Ombrófila Aberta Submontana com palmeiras nas porções norte e centro-oeste; Floresta Ombrófila Densa Submontana com dossel emergente na porção nordeste; Contato Savana com Floresta Ombrófila associadas à Floresta Ombrófila Aberta de Terras Baixas com

palmeiras e Savana Florestada nas porções central e centro-sul acompanhando o rio Marmelos desde suas cabeceiras até as proximidades da Rodovia Transamazônica; Savana Parque com floresta de galeria associada à Savana Arborizada com floresta de galeria nas porções sul e centro-leste (IBGE, 2012).

A Floresta Ombrófila Densa é caracterizada por fanerófitos, além de lianas lenhosas e epífitas em abundância. Sua característica ecológica principal reside nos ambientes ombrófilos que marcam muito a “região florística florestal”, com grandes árvores, frequentemente com mais de 50 metros de altura, que sobressaem no estrato arbóreo uniforme, entre 25 e 35 metros de altura. A Floresta Ombrófila Aberta possui fisionomia florestal composta por árvores mais espaçadas, com estrato arbustivo pouco denso e frequentes grupamentos de palmeiras, como o babaçu (*Attalea speciosa*) nos interflúvios e o buriti (*Mauritia flexuosa*) nos vales (IBGE, 2012).

A Savana Florestada apresenta predomínio de vegetação lenhosa, com no máximo 20 metros de altura, troncos tortuosos com ramificações irregulares. A Savana Arborizada é caracterizada pela fisionomia arbustiva rala e estrato herbáceo contínuo, com composição florística semelhante à Savana Florestada, mas com dominâncias que caracterizam os ambientes. A Savana Parque é constituída por estrato herbáceo com arvoretas isoladas de até 5 metros de altura (VELOSO, 1992).

2.3 Uso e ocupação do território indígena

Os modos de uso e ocupação da terra indígena pelos tenharim abrangem diversos aspectos dos modos de organização social do grupo e se expressa por meio de um conhecimento da área indígena a partir de sua classificação social, econômica, política e sociocosmológica. Essa classificação termina por perpassar os diversos espaços que compõe aquela que hoje é conhecida como Terra Indígena Tenharim/Marmelos.

Os tenharim distinguem na paisagem diversos espaços físicos, sendo que cada uma dessas unidades permite a manifestação de diferentes técnicas de uso e manejo dos recursos naturais. A unidade principal, por ser a mais representativa na paisagem e fonte de muito dos recursos, saberes e tradições dos tenharim, é a floresta ou mata, determinada na língua tupi-kagwahiva como ka'gwyra. Segundo Silva (2006, p.48), “a mata é a principal provedora da vida tenharim, estando o imaginário intrinsecamente ligado aos animais, árvores e entidades que a habitam”.

No olhar dos tenharim sobre a mata cabem outras subdivisões, determinadas não

só por aspectos fisionômicos da vegetação, como campos naturais ou florestas, mas também por aspectos culturais, que acabam por implicar em diferentes usos ou manejos. Nesta linha, ka'gwyrauhava é a parte da floresta onde se passa muito tempo (BETTS, 2012), localizada nas proximidades de cada aldeia, praticando-se atividades de caça, pesca, coleta de frutos e de plantas medicinais. De forma geral, é a parte da floresta habitada e utilizada pelos tenharim.

Ka'gwyrauhava é cortada por inúmeros caminhos e trilhas que levam aos principais pontos de interesse dos tenharim, como os locais com árvores frutíferas, barreiros de antas, castanhais, aldeias e roças antigas, cemitérios e principalmente ao rio Marmelos, que fornece a base referencial para a construção de uma espacialidade dentro da Terra Indígena Tenharim/Marmelos.

Em oposição está a mata virgem ou mata grande, denominada de ka'gwyrauhu, que se encontra além do uso cotidiano dos tenharim, pois o "contato" acontece "apenas em época de festa", notadamente no Mboatawa, quando caçadores procuram locais ricos em fauna, como forma de buscar alimentos a serem utilizados na festa (PEGGION, 2006). Ka'gwyrauhu é considerado como "o plano de manejo": "Lá é mata virgem. Só vamos lá é para tirar nosso alimento. É pra natureza se reproduzir lá" (R. Tenharim, 55 anos, ♂, aldeia Vila Nova).

Há ainda as florestas que estão sob influência dos regimes de cheia dos rios, conhecidas na Amazônia como Florestas de Igapó. Estas ficam parcialmente inundadas na estação chuvosa (ypopeva). O igapó é bastante frequentado na época da cheia para prática de atividades de pesca, já que muitos peixes adentram estas florestas inundadas em busca de alimento.

Com características fisionômicas completamente diferentes da mata, ocorrem campos naturais de savana denominados nhuhũ, que, além de serem facilmente diferenciados na paisagem, proporcionam a prática de outras atividades e saberes.

A derrubada da mata também possibilita outros usos da terra, mas, principalmente, a institucionalização e organização da vida social. Nesta lógica está o agrupamento dos núcleos familiares em diferentes aldeias, cada qual com suas moradias, roças e extensões que adentram à mata, como por exemplo, os castanhais.

As roças, denominadas de koho, são os locais propícios ao cultivo de diferentes espécies vegetais, principalmente as comestíveis. Já as moradias são compostas pelas casas, denominadas onga, e pelo espaço aberto e limpo ao redor dela, denominado okara (pátio ou terreiro), onde são plantadas ervas medicinais e árvores, principalmente frutíferas

e/ou para sombra e abrigo para os animais domesticados.

Entretanto, não é só o conjunto de casas e terreiros que formam a aldeia. Questionado sobre qual seria o limite espacial da aldeia, um entrevistado respondeu: “É a terra preta. A roça faz parte da aldeia. Mata já não faz parte da aldeia, é de todos, usam pra caça e pesca (nhande ka’a gwyra)” (J. Tenharim, 76 anos, ♂, aldeia Taboka).

As antigas roças, que sem manutenção foram tomadas pela vegetação secundária regenerante, transformando-se em capoeiras, indicam o uso ancestral da terra pelos antigos, sendo denominadas kohogwera. Interessante notar que gwera é definido como alguma coisa, estado, ou ação que existiu, mas parou, permanecendo apenas um vestígio da sua forma (BETTS, 2012). No caso das antigas roças, estes vestígios são reconhecidos através de determinadas espécies de plantas e animais que só ocorrem nestes locais.

Portanto, as capoeiras são enxergadas não como um estágio inicial de regeneração da floresta natural, mas como antigas roças dos ancestrais, estabelecidas em locais de terra preta com solo rico e propício ao cultivo, que podem ser retomadas a qualquer momento em caso de necessidade. Elas também atuam como depósitos alimentares, tanto de tubérculos como de espécies frutíferas, que continuam produzindo por muitos anos (DIEGUES et al., 2000).

A Terra Indígena Tenharim/Marmelos está inserida numa região de Floresta Amazônica bastante conservada, sendo que as práticas de cultivo e extrativismo dos indígenas não têm causado danos ao ambiente natural.

2.4 Coleta de dados

Os estudos na Terra Indígena Tenharim/Marmelos foram realizados entre os dias 02 e 28 de outubro de 2014 e os dias 23 de novembro e 02 de dezembro de 2015, após autorização dos tenharim e da FUNAI. Foram entrevistadas pessoas de diferentes idades e sexos de todas as aldeias. A escolha dos entrevistados deu-se com a sua indicação nas aldeias baseado no conhecimento sobre plantas medicinais.

Foram entrevistados 47 indígenas, através de diálogos individuais e em grupos (oficinas), geralmente em caminhadas pela floresta, com a indicação das plantas, da parte utilizada, detalhes sobre o preparo do remédio e suas utilidades na medicina tenharim, com depoimentos da sua eficiência comprovada no tratamento e cura de doentes indígenas. Materiais vegetais, como folhas, flores e frutos foram fotografados para posterior identificação através de comparação em herbários.

As idades dos entrevistados variam, tendo o mais jovem 14 anos e o mais velho 95. Pouco menos de 50% dos entrevistados possuem idade superior a 50 anos, 41% com idade entre 30 e 50 anos e apenas 10% possuem menos de 30 anos de idade. Observou-se que algumas crianças e adolescentes que acompanharam as caminhadas pela mata, ouviam atentamente as informações que os adultos iam passando sobre as utilidades das plantas e alguns conheciam os nomes de plantas e seus usos, o que mostra o interesse destes pelo assunto e de que as informações são transferidas.

Ao final de cada entrevista foi pedido ao entrevistado que indicasse nomes de pessoas que julgasse saber sobre o assunto relativo às plantas medicinais, com a finalidade de construir a rede social e realizar as próximas entrevistas. Esta técnica de amostragem, conhecida como “Bola de Neve” é utilizada na elaboração de redes sociais, onde é possível observar os níveis de comunicação e interação entre as pessoas (BERNARD, 2002).

As informações colhidas nas entrevistas são apresentadas neste texto em itálico, seguidas de dados do informante, de maneira genérica, por exemplo, (D. Tenharim, 28 anos, ♀, aldeia Mafuí), para evitar qualquer tipo de constrangimento. Foi realizada a transcrição textual (sem alterações) das entrevistas e das traduções dos testemunhos dados por alguns anciãos na língua tenharim.

Alguns nomes das plantas na língua tenharim foram gentilmente grafados por entrevistados durante a pesquisa e checados no Dicionário Kagwahiva (BETTS, 2012). A confirmação da grafia dos nomes científicos foi obtida através de consulta ao índice de espécies vegetais do site do projeto Flora Brasiliensis (2021).

O sistema de classificação botânica adotado foi o APG IV (2016). Trata-se de um moderno sistema de classificação taxonômica das plantas com flor (angiospérmicas), essencialmente baseado em estudos de filogenia molecular, desenvolvido pelo Angiosperm Phylogeny Group, resultando num total de 64 ordens e 416 famílias de angiospérmicas (SOUZA; LORENZI, 2019).

Não foi estabelecida uma ligação direta entre as espécies vegetais usadas como remédio e seu tratamento medicinal, visando a proteção do conhecimento tradicional indígena, de acordo com a Lei Nº 13.123, de 20 de maio de 2015, que dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, proteção e acesso ao conhecimento tradicional associado e a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade.

2.5 Sistema de classificação botânica dos tenharim

Nota-se a existência de um sistema de classificação dos vegetais a partir das qualidades terapêuticas atribuídas às plantas, das partes utilizadas, das formas de vida das espécies e das condições em que cada espécie ou parte desta se encontra.

Essas características associadas servem para classificar taxonomicamente determinada espécie. Assim, um mesmo táxon pode ter mais de um nome, dependendo da parte utilizada ou da finalidade do uso. Desta forma, procurou-se investigar tais variações de classificação, conforme apresentado na Tabela 1.

Por exemplo, entre os tenharim, a castanheira (*Bertholletia excelsa*), possui diversos nomes definidos de acordo com o critério adotado, que pode ser determinada parte da planta combinada com a função ou condição em que se apresenta. Assim, dentre os nomes dados à castanheira, destacam-se nhahã iva para a árvore de castanha, nhayva ou ñayba apenas para a castanha, kataña para o ouriço da castanha, yvotira ou yvytyra para a flor da castanha que caiu e está no chão, indicando que a árvore vai dar fruto em breve, ipotyra para a flor da castanha que ainda está na árvore, indicando que haverá produção anual de castanha, nhadyva, para denominar o castanhal de alguém e iravagwete tuvi juyv como um local genérico onde ocorrem castanheiras agrupadas.

Outro exemplo de classificação tenharim que merece ser destacado ocorre entre quatro espécies sem relação taxonômica aparente, já que se trata de táxons pertencentes a quatro famílias distintas. A palmeira de sub-bosque *Astrocaryum gynacanthum* foi determinada como tukuma'ña por diversos entrevistados, quando o assunto estava relacionado aos pequenos frutos apreciados tanto pelos indígenas como pela fauna, sendo uma clara referência ao tukuma (*Astrocaryum aculeatum*) só que com frutos menores, determinado pela presença do sufixo i, usado como diminutivo (BETTS, 2012). Entretanto, a mesma espécie foi referida como ka'a (folha) ou ka'a pukuhu quando o assunto estava relacionado à folha utilizada para fazer pokeka, que é um tipo de embalagem feita com folhas na qual são embrulhados peixes e cogumelos para assar. A pokeka é geralmente amarrada com um cipó que os tenharim chamam de y'po ou ipopohu, que é a raiz de uma espécie hemi-epífita do gênero *Philodendron*.

Nesta mesma linha, a planta herbácea *Ctenanthe ericae* recebe nomes similares como ka'a, ka'a poku ou ka'a pukuhu, pois é utilizada para a mesma finalidade: pokeka. Entretanto, esta não parece ser uma regra, já que o cipó do gênero *Abuta* também recebe o nome de ka'a, apesar de suas folhas serem utilizadas para limpar o rosto e não para fazer

pokeka. Aumentando a complexidade do sistema de classificação, as folhas de outro cipó, *Machaerium caudatum*, que também são utilizadas para limpar o rosto, receberam um nome totalmente diverso, koetinha ou koetinga, apesar de terem a mesma função.

Tabela 01 – Termos utilizados na classificação botânica tenharim

Classificação		Nome Tenharim	Betts (2012)	
Hábito	Árvore	Árvore Grossa	Yva	-
		Árvore Pequena	Yvai	-
		Pé de árvore	Gwyrá	-
		Pau	lyva	-yva
	Palmeira	Pindoeter	Pindokupypeva	
	Cipó	Y'pó	Yvaty'ryra	
	Erva	Nhungwavihua	Nhungwava	
	Fungo	Yvepó	Yvepoa	
Parte da Planta	Flor	Ibótyra, Yvotyra, Ipotyra	Yvotyra, Yvaty'ria	
	Fruto	Ihá, Yvaia, Ywai	Yva'ia	
	Semente	A'ynha	A'ynha	
	Folha	Ka'a	Ka'a / Ohova	
	Tronco/Madeira	lyva, Yva	-yva	
	Raiz	Yvaporó, Apó, Embó	Yvapoá, -apoá	
	Galho/Ramo	Akã, Ākã	Akã	
	Casca	Japé	Ypea, Jypea, Yvaypea, Yvypea	
Broto novo	Uhã	-		

Fonte: Trabalho de campo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os seres-humanos tiram de seu ambiente aquilo que eles têm necessidade e, no caso da coleta, supõem que eles tenham o conhecimento e o domínio das espécies. O domínio do meio só é possível graças à cultura que designa o conjunto savoir-faire de práticas, de conhecimento, de atitudes e de ideias que cada indivíduo recebe, interioriza, modifica ou elabora no decorrer de sua existência (CLAVAL, 1997).

O conhecimento tradicional pode contribuir para a manutenção da biodiversidade dos ecossistemas. Em numerosas situações, esses saberes são o “resultado de uma coevolução entre as sociedades e seus ambientes naturais, o que permite a conservação de um equilíbrio entre ambos” (LÉVÊQUE, 1997, p.55).

As relações estabelecidas entre os indígenas e o ambiente em que vivem são muito importantes para a sua sobrevivência e a preservação deste ambiente. Tais relações são complexas, evidenciando-se uma interação mítica entre os seres humanos e os elementos da natureza. Desta forma, alterações na cobertura vegetal ou nos recursos hídricos podem implicar numa profunda alteração das relações entre os indígenas e o ambiente.

O conhecimento das propriedades das plantas para o uso como remédio e as complexas relações existentes entre os indígenas e a natureza não são passados e nem aprendidos de maneira sistemática e formal entre os tenharim. Aparentemente tem de haver algum interesse para se adquirir tais conhecimentos e a maioria dos entrevistados disse ter aprendido sobre os “remédios do mato” com os seus pais e avôs: “Antes de morrer o meu avô passou as informações pra mim” (I. Tenharim, 45 anos, ♂, aldeia Karanaí).

“O conhecimento veio dos nossos antepassados [...] Tem gente que tem que estudar muito com os parentes, pra pesquisar e aprender, pra conhecer as plantas. Os nossos filhos, nem todos eles conhecem. Por isso que tem que andar com os velhinhos, tradicionais, pra conhecerem que fruta é, de qual clã é, pra que serve[...]. Quem se empenha, tem maior chance de ter mais conhecimentos. Muitas coisas eu aprendi com o meu avô, com o meu pai. Se você não ligar, as coisas vão se perdendo... Daqui vinte ou trinta anos, as pessoa perguntarão pra mim e se eu não liguei pra minha cultura, não vou saber responder [...]. Cada planta tem o seu próprio organismo de resistência em cada lugar. E cada lugar... Tem lugar que ela dá mais naturalmente, pra desenvolver e tem lugar onde ela não dá [...]. As plantas que são muito raras têm que cuidar mais, porque se não cuidar elas ficam extintas [...]. Quando as mães não ligam, as crianças não aprendem. Só aprendem quando as mães ensinam. Mas nós tenharim nos unimos pra falar com essas mães [...]. É importante hoje estudar, mas também tem que estar juntos, com sua própria mente, ouvindo e ensinando a nossa origem, nosso costume e também saber o costume do branco” (M. Tenharim, 52 anos, ♀, aldeia Mafuí).

A maioria dos tenharim possui uma ampla visão sobre o ambiente em que vive, conhece dezenas de plantas e os benefícios que estas podem lhe oferecer, seja através da casca, folhas, raízes ou seiva para a cura de doenças, frutos para a sua alimentação ou para as diferentes espécies de animais silvestres, tronco para a construção de habitações e utensílios diversos, palhas para cobertura das casas e fibras para a construção de peças para diferentes fins.

Numa caminhada pela mata até próximo ao rio Marmelos, J. Tenharim (40 anos, ♂, aldeia Jakuí), identificou pegadas de diversas espécies de animais e contou histórias sobre a relação destes com o meio em que vivem e dentre uma infinidade de informações, nos

disse que o fruto do uchi-liso (*Endopleura uchi*) “é o preferido de todos os bichos da Amazônia”, sendo o fruto da pama (*Helicostylis scabra*) o segundo na preferência. Outras plantas, apesar de não possuírem utilidade direta para os tenharim, a exemplo do tachi (*Sclerolobium* sp.), são reconhecidas e denominadas como forma de proteção, já que estas árvores estabelecem associações com outros animais, no caso do tachi, com as agressivas formigas do gênero *Pseudomyrmex*, demonstrando que os tenharim possuem enorme conhecimento da floresta e de suas relações ecológicas.

A existência de todo ser tem significado para os tenharim. Formigas-de-correição, que são carnívoras e conhecidas por se organizarem em expedições periódicas de milhares de indivíduos, foram registradas numa das caminhadas pela floresta e foi explicado que:

“Quando a gente leva ferrada destas formigas, não pode gritar não [...]. Tandavuhua, que é o chefe delas, fica dando risada. Ele é igual gente. Ele fica escondido no oco do pau. Só o pajé é que consegue enxergar. O pai do meu avô contou até o meu pai me contar. O Tandavuhua não é o chefe de todas as formigas, é só desta. O braço direito dele é curto e o esquerdo é comprido. O braço dele é que nem um serrote”. (J.C. Tenharim, 33 anos, ♂, aldeia Taboka).

Uma das lideranças tenharim (C. Tenharim, 74 anos, ♂, aldeia Marmelos), possuidor de um incrível conhecimento sobre as relações entre as plantas e os animais, apresentou músicas de diversos animais e suas respectivas histórias, ricas em toques fantasiosos e poéticos, enfatizando muitas vezes a diversidade da floresta misteriosa. As plantas que os tenharim conhecem e utilizam, segundo alguns entrevistados, foram as aves que indicaram:

*“O tangara pyainhi [espécie de pássaro] tem pajé forte. E se tiver doença ele vai buscar a cura. Ele vive na cabeceira do Marmelos, é de cor preta com listras azuis. É ele que conta aonde está o remédio e aponta com o bico aonde está o remédio. Foi ele que indicou o tyroatã [*Senna* sp]. Cada pássaro indicou um tipo de alimento. A juriti [*Leptotila* sp] que reuniu os pássaros que ensinaram pros tenharim o que comer. A arara indicou a farinha” (J. Tenharim, 76 anos, ♂, aldeia Taboka).*

A transferência de conhecimentos também foi um tema investigado neste estudo. Muitas crianças e adolescentes conhecem os nomes das principais espécies vegetais e animais e as suas inter-relações bióticas, porém as inter-relações míticas são preservadas somente entre os mais velhos. O conhecimento etnobotânico também está presente no

cotidiano das crianças que vivem nestas aldeias, que conhecem grande parte das plantas utilizadas como remédio e na alimentação.

A partir das informações colhidas nas entrevistas, oficinas e levantamentos de campo, nas quais houve a apresentação in situ da maioria das plantas indicadas, foi possível listar pouco mais 300 espécies de plantas para diversos fins, compreendendo as diferentes formas de vida (árvores, arbustos, subarbustos, ervas, lianas, epífitas, palmeiras, parasitas e hemiepífitas). A grande diversidade de espécies registradas demonstrou que o uso das plantas pelos tenharim é bem abrangente e que o uso de diversas espécies para um mesmo fim não está relacionado com a proximidade taxonômica destas.

O que o olhar de um tenharim, habituado com o seu mundo, poderia nele perceber quando o observa? Muitos dos entrevistados mencionaram a riqueza do ambiente em que vivem e as preocupações de que estes ambientes sejam cada vez mais impactados:

“Nós somos muito ricos. Nós temos a mata virgem, nós temos as frutas [...]. Quando eu vejo que ela tá sendo prejudicada, é como se arrancassem um pedaço do meu coração [...]. Eu quero que ela fique assim, verde, do jeito que ela tá aí. Eu quero respirar, consumir ela [...]. Essa terra aqui é como uma mãe pra nós. Nós entendemos assim, porque foi assim que o nosso antepassado passou pra nós. Ela mexe com as nossas vidas. Ela mexe com as nossas vidas, porque é nela que respiramos, porque é nela que nós vivemos” (M. Tenharim, 52 anos, ♀, aldeia Mafuí).

Segundo alguns entrevistados, quando a mata é derrubada, as entidades que protegem a floresta vão embora. Portanto, fica evidente que impactos na cobertura vegetal alteram severamente não só o modo de vida tenharim, mas também aspectos mais profundos, como o cosmológico e a perda dessa cosmologia, transmitida entre gerações, pode produzir um dano irreversível na cultura tenharim.

A cosmologia tenharim integra elementos vivos e não-vivos, humanos e sobrenaturais, representantes de diferentes domínios, como o Céu, a Floresta, a Água e o Subterrâneo. Diversas das atividades realizadas pelos tenharim “são marcadas por rituais que denotam um outro tipo de relação com o mundo e um outro tipo de cosmologia” (PEGGION, 2006, p. 163).

Os entrevistados mostraram um grande conhecimento e respeito com o ambiente em que vivem e foi possível conhecer um pouco sobre a diversidade da fauna e flora, a relação entre os animais e vegetais e a riqueza sobre as entidades da floresta. Os tenharim têm uma percepção de organização social dos seres da mata que os categoriza em grupo

e líder, além de também pertencerem aos Clãs Mutum e Gavião, sendo que cada grupo de animais tem seu próprio chefe:

“As entidades protegem a mata. Só o pajé é que via, mas não tem mais pajé nas aldeias [...]. O Mbaira gosta de beliscar a orelha da gente quando é criancinha. Todos estes riscos que nós tem na mão é o Mbaira que riscou. O Mbaira fica na pedra [...]. A mata tem o chefe dele, o Pai da Mata. Cada animal tem o seu chefe. Porco tem o chefe dele. Queixada tem o chefe dele. Sabe como é o nome do chefe do queixada? Amoim. Ele fica longe. Queixada tá aqui, mas ele tá longe. Antes de tu chegá perto do queixada o Amoim já se sente. Amoim tem muito pajé, é muito poderoso. Ele é pequenininho, ele não tem pelo, é peladinho [...]. As plantas também têm chefe, é a Mãe da Mata [...]. O que tem aqui é... eu nunca vi não, mas tem aqui na mata: Curupira, que é que nem pessoa, mas só que o pé dele é pra trás. Tem o Kwatazin, que é Mãe da Mata também. Ele gosta de andar no igarapé. Já vimos rastro dele. Ele anda com o arco e flecha. O rastro dele é igual o de criança mesmo. Tem uns deles que é bravo, querem flechar a gente. Tem vezes que anda em casal. Tem macho e fêmea [...]. A Mãe da Mata, ela bate em sapopemba. Ela bate com pau e o som vai longe. Ela não gosta que cace, mas pegar remédio não tem problema [...]. Tem outro também, o Anhağa'avukuhua, ele é a Mãe da Mata que tem cabelo comprido. Nesse cabelo comprido tem todo o tipo de inseto, cobra, piolho, barata, escorpião, lagarto. Ele é do mal. Ele anda de dia mesmo. É difícil de ver. Só o pajé que vê [...]. Tem o Tandavuhua, que é do mal também, que quer queimar o cabelo dele, do Anhağa'avukuhua. Tem o Pejogwauhua. Tem o Manti, que é um curupirinha, ele assovia pra pessoa. Ele é do mal. Diz que é igual gente também [...]. Tem a Mãe do Barrero também. Ela fica no barrero e a gente pensa que é a anta, mas não é não. Ela é a mãe da anta” (M. Tenharim, 37 anos, ♂, aldeia Mafuí).

Durante o estudo foram marcados pontos indicando os locais das aldeias da terra indígena, bem como das principais áreas de uso dos recursos naturais. Constatou-se que o maior uso está nas proximidades destas aldeias, porém, alguns castanhais estão localizados há dias de viagem de barco pelo rio Marmelos, o que sugere que os tenharim utilizam quase todo o território demarcado, sendo grande parte na conservação dos recursos naturais, que se traduz em melhor qualidade de vida para os indígenas, dentro de um sistema cíclico de necessidade, disponibilidade, manejo e conservação, visando a manutenção da biodiversidade local (GADGIL, 1993).

Para designar “remédio” os tenharim usam o termo moanga ou mohã, de acordo com informações obtidas nas entrevistas. Entretanto, Betts (2012, p.174) afirma que mohağa é o termo geral utilizado para “remédio”.

Observou-se que a diversidade de espécies vegetais reconhecidas pelos tenharim, notadamente as de uso medicinal, é bastante grande, sendo esta afirmação reconhecida no discurso dos próprios informantes. Confirmando a enorme diversidade de remédios

empregada, foram registradas 104 espécies vegetais utilizadas na medicina profilática e curativa destes indígenas. Dentre os males tratados com plantas com propriedades medicinais, destacam-se as gripes, febres, dores de cabeça, diarreias, dores de estômago, problemas renais, infecções em geral, feridas e malária.

Em contraponto, está o relato dramático de um indígena (A. Tenharim, 50 anos, ♂, aldeia Mafuí), um dos entrevistados sobre plantas medicinais, cuja filha de 14 anos faleceu em 2013 de tuberculose. Apesar de ser detentor de enorme conhecimento a respeito da utilização de remédios caseiros, este pai levou sua filha diversas vezes ao posto de atendimento médico em Humaitá e segundo ele, a menina nunca foi atendida corretamente e encaminhada a Porto Velho apenas “quando não tinha mais nada a fazer”.

Recentes estudos, conduzidos em diferentes grupos étnicos e regiões do país (BÓIA et al., 2009; LEVINO; OLIVEIRA, 2007; GARNELO et al., 2005), revelam altas incidências de tuberculose, não deixando dúvidas sobre a relevância sanitária desta doença entre os indígenas no Brasil. Segundo dados da FUNASA (2003), a tuberculose figura entre as dez principais causas conhecidas de óbito nas comunidades indígenas. Apesar disso, não foram relatadas plantas medicinais utilizadas pelos tenharim para curar esta doença.

A eficiência de alguns remédios é conhecida também pelos não indígenas que moram na região, sendo que, vez ou outra, procuram os indígenas para tratamento alternativo de doenças. Entretanto, a venda de remédios para os “brancos” não é prática recorrente na comunidade, segundo palavras de liderança tenharim, principalmente pelo receio de que este conhecimento seja “roubado” por pessoas não ligadas aos tenharim.

Entre os tenharim, observou-se ser comum a utilização de plantas medicinais para o tratamento das doenças mais comuns, buscando complementarmente os remédios alopáticos. Para Amorozo (1996, p.62), “a utilização de remédios alopáticos pelas populações tradicionais não destrói os esquemas explicativos preexistentes, mas acrescenta novas possibilidades a estes”. Desta forma, algumas doenças parecem ser vistas como sendo curáveis somente pelas ervas do mato ou pelos especialistas da comunidade e outras pelos remédios alopáticos.

Os mais velhos são, atualmente, as melhores referências e os maiores detentores do conhecimento tradicional tenharim. Neste sentido, os principais interlocutores designados para tratar sobre plantas com propriedades medicinais, além de outros assuntos como caça e roça foram, para este estudo, os mais velhos. Uma figura tenharim detentora do conhecimento sobre plantas medicinais e processos de cura era o pajé ou pajywegá, que não existe mais entre os tenharim. Desta forma, uma das principais fontes

do conhecimento tradicional tenharim desapareceu e novas moléstias, como a tuberculose, adquiridas após o contato com os não indígenas, ficaram sem tratamento. Por que não tem mais pajé entre os tenharim?

“O pajé é muito maldoso. O avô do meu pai foi o último pajé dos Tenharim. Depois dele não teve mais nenhum pajé. O nome dele era Ukareju. Não é pela vontade da pessoa que fica pajé, o pajé é como se fosse indicado [...]. O pajé na verdade ele vê tudo. Igual Deus. Deus, ele sabe tudo, né? Porque o pajé... o pajé era igual o feiticeiro. Ele era assim... metade do bem, metade do mal. Eu não sei muito explicar isso, eu não tenho muito conhecimento [...]. Na verdade cada aldeia tinha um, dois, três pajé. Tinha um que era dois irmãos... Aqui na Taboka tinha um pajé, que era o avô do meu pai. Ukareju era um dos pajé. Tinha por parte de mãe também, o avô da minha mãe também era pajé. Lá do outro lado também tinha... Eles se davam bem entre eles. Eles eram mais velinhos, e depois iam passando pros filhos [...]. O avô do meu pai não passou pro meu pai porque geralmente o pajé é assim, o pajé gera a pessoa. Ele passa os ensinamentos dele ainda quando a criança está na barriga da mulher. Então, ele já nasce com o ensinamento. Já vem com o poder de pajé [...]. Conforme ele vai crescendo ele vai tendo o poder dele. Então, o pajé gera outro pajé [...]. O pensamento do pajé é dividido: do bem e do mal. Ele agrada a pessoa e ao mesmo tempo ele desagrada outra, com quem ele não se dá, né? [...] O pajé acabou, porque ele não teve possibilidade de resistir, não teve chance de resistir. Um foi morar num local, o outro num local e não tinha como um dá resistência pro outro [...]. O fim da força do pajé, além dele teve o seu espírito que dava força pra ele. Além do espírito tinha as pessoas que dava apoio pra ele [...]. Esse pessoal foi morrendo, os que davam força pra ele e ele se enfraqueceu [...]. O pajé era muito bom pra nós, fazia remédio, mas também fazia feitiço[...]. Antigamente o pajé chamava todos os animais para cantar e curar as pessoas” (J.C. Tenharim, 33 anos, ♂, aldeia Taboka).

A religião também ocupa papel central no modo de vida tenharim, influenciando na manutenção ou abandono de determinados costumes ou conhecimentos tradicionais. Ao todo, existem três igrejas evangélicas na Terra Indígena Tenharim/Marmelos. A influência da religião proveniente dos não indígenas resulta em alterações que recaem sobre a vida cotidiana tenharim, até mesmo sobre o uso de plantas medicinais, conforme evidenciado na fala de um dos entrevistados: “não usamos nenhuma planta contra mal olhado, só a Bíblia mesmo” (J.C. Tenharim, 33 anos, ♂, aldeia Taboka).

As metades definem a pessoa kagwahiva, sendo através delas que estas recebem os nomes, o cônjuge e estabelecem alianças políticas (PEGGION, 2006). O universo kagwahiva, definido e classificado em metades, tem origem no mito assim apresentado por Menéndez (1989, p.187):

“Nharemboi-py, Bahira também fez uma tinta, outra tinta. Com essa tinta pintou as coisas, para que não houvesse confusão. Jaboti, indajá, castanheira, tucunaré, caititu, papagaio, jenipapo, onça preta, tudo isto é

Mutum-nanguera. Agora arara, veado, banana, garça, anta, mamão, caju, onça, gavião real, tudo é Kwandu-taravé. Kawahiwa é dos dois, é Mutum-nanguera e Kawandu-taravé, e casam entre eles.”

Durante os estudos, ficou evidente que a classificação das plantas nas metades simboliza permissão ou restrição ao uso de determinado vegetal, principalmente para fins alimentares. Entretanto, na produção de remédios através do uso de plantas medicinais, aparentemente as metades não atuam de forma permissivo-restritiva: “Remédio, a maioria que nós usa serve pra todo mundo. O remédio que mutum usa, taravé também usa” (J.B. Tenharim, 56 anos, ♂, aldeia Mafuí).

Com relação à percepção tenharim sobre a paisagem e a forma de uso e ocupação do solo, a maioria das plantas utilizadas pelos entrevistados, para uso medicinal, é encontrada no seu ambiente natural, ou seja, em locais recobertos por vegetação nativa, como as matas (ka'gwyra), savanas ou campos naturais (nhuhũ), capoeiras ou roças antigas (kohogwera) e áreas alagadas, como as florestas de igapó formadas na estação chuvosa e margens dos igarapés, sendo que estes ambientes estão localizados, via de regra, nos arredores das aldeias. Nestes locais são realizadas coletas de material vegetativo in situ para os determinados fins.

No terreiro (okara) e na roça (koho) são comumente cultivadas ervas medicinais, tanto espécies nativas como exóticas, algumas de uso bastante difundido não só na Amazônia mas como em todo o território nacional, como a hortelã (*Mentha spicata*) e a alfavaca (*Ocimum gratissimum*).

Nesses espaços reconhecidos e diferenciados pelos tenharim encontram-se a grande diversidade de plantas medicinais e remédios caseiros utilizados. Na tabela 02 estão relacionadas as principais espécies vegetais utilizadas pelos tenharim como remédio, seus nomes populares e na língua tupi-kagwahiva, além do hábito e parte da planta utilizada.

Tabela 02 – Principais espécies vegetais utilizadas pelos tenharim como remédio, relacionadas em ordem alfabética pela família botânica e nome científico.

(*) espécie exótica ou de origem desconhecida

Família/Espécie	Nome em Português	Nome em Tenharim	Hábito	Parte usada
Amaranthaceae				
<i>Alternanthera brasiliana</i>	Penicilina	-	Subarbusto	Folha

Família/Espécie	Nome em Português	Nome em Tenharim	Hábito	Parte usada
Anacardiaceae				
<i>Anacardium spruceanum</i>	Caju-açu	Nhumitá	Árvore	Resina
Apocynaceae				
<i>Aspidosperma carapanauba</i>	Carapanaúba, Quina-quina	Yvapopema	Árvore	Entrecasca, Tronco
<i>Aspidosperma</i> cf. <i>excelsum</i>	Acariquara	Wakaruré	Árvore	Entrecasca
<i>Aspidosperma</i> sp	Peroba	Biraygyva	Árvore	Casca
<i>Couma guianensis</i>	Sorvão	Turua, Turuete, Jugwa, Iwyhyga, Turuwa, Juvaywa	Árvore	Látex
<i>Couma utilis</i>	Sorva	Juvay	Árvore	Látex
<i>Himatanthus sucuuba</i>	Sucuúba	Sukuuba, Yravadigauhu	Árvore	Casca, Entrecasca, Látex
Araceae				
<i>Dracontium</i> sp	Batata-de-cobra	Dowikugara	Erva	Caule, Rizoma
Indeterminada	-	-	Erva	Caule
<i>Philodendron</i> sp	Cipó-imbé	Ambé	Cipó	Seiva
Arecaceae				
<i>Attalea maripa</i>	Inajá	Indaja, Indaja iva	Palmeira	Entrecasca, Raque
<i>Attalea speciosa</i>	Babaçu	Indatau, Indatahu, Datauhu	Palmeira	Raque
<i>Euterpe precatoria</i>	Açaí	-	Palmeira	Fruto
Asteraceae				
<i>Acmella oleracea</i> (*)	Jambu	-	Erva	Folha
<i>Bidens pilosa</i> (*)	Picão	-	Erva	Raiz
Indeterminada (*)	-	-	Erva	Folha
Bignoniaceae				
<i>Fridericia chica</i>	Crajiru	-	Cipó	Folha
<i>Fridericia</i> sp	-	-	Cipó	Casca
<i>Handroanthus incanus</i>	Ipê-amarelo	-	Árvore	Casca, Entrecasca
Indeterminada	-	Jaguapohanuh ua	Cipó	Folha
<i>Memora</i> sp	-	Nhambuy	Cipó	Raiz
<i>Tabebuia</i> sp	Ipê	-	Árvore	Casca
<i>Tanaecium</i> sp	-	Tupandi	Cipó	Raiz

Família/Espécie	Nome em Português	Nome em Tenharim	Hábito	Parte usada
<i>Tynanthus panurensis</i>	Cipó-cravo	-	Cipó	Folha
Bixaceae				
<i>Bixa orellana</i>	Urucum	-	Árvore	Fruto, Semente
Caricaceae				
<i>Carica papaya</i> (*)	Mamoeiro	-	Árvore	Fruto
Costaceae				
<i>Chamaecostus lanceolatus</i>	-	<i>Tukajara</i>	Erva	Caule, Folha
<i>Costus scaber</i>	-	<i>Tukajara</i>	Erva	Caule
<i>Costus spiralis</i>	Cana-do-brejo	<i>Bokaja, Tukajara</i>	Erva	Caule, Folha
Crassulaceae				
<i>Bryophyllum pinnatum</i> (*)	Escama-de-pirarucu	-	Erva	Ramo
Dilleniaceae				
<i>Davilla cf. cuspidulata</i>	Língua-de-onça	<i>Ivagu'í</i>	Cipó	Folha
<i>Davilla nitida</i>	Cipó-de-fogo	-	Cipó	Folha
Eriocaulaceae				
<i>Paepalanthus chiquitensis</i>	Chuveirinho	<i>Ivytyra japupehuvea</i>	Erva	Inflorescência
Fabaceae				
<i>Andira cf. micrantha</i>	Sucupira	-	Árvore	Semente
<i>Bauhinia</i> sp	Escada-de-jabutí	<i>Tupangajupihar</i>	Cipó	Entrecasca
<i>Copaifera glycyarpa</i>	Copaíba-cuiarana	-	Árvore	Resina
<i>Copaifera multijuga</i>	Copaíba-angelim	-	Árvore	Entrecasca, Resina
<i>Copaifera reticulata</i>	Copaíba-mari-mari	-	Árvore	Resina
<i>Dipteryx odorata</i>	Cumarú	<i>Kumbaru</i>	Árvore	Folha, Semente
<i>Hymenaea courbaril</i>	Jatobá	<i>Jutayva, Jutapevi</i>	Árvore	Entrecasca
<i>Hymenaea</i> sp	Jatobá-do-mato	<i>Takoebuku</i>	Árvore	Casca
<i>Hymenolobium</i> sp	Angelim-pedra	<i>Arapiwyyva</i>	Árvore	Resina
Indeterminada	Faveiro, Fava	<i>Arapariwuhu</i>	Árvore	Fruto
Indeterminada	Fava-do-rio	-	Árvore	Indeterminada
Indeterminada	Barbatimão	-	Árvore	Casca, Entrecasca

Família/Espécie	Nome em Português	Nome em Tenharim	Hábito	Parte usada
Indeterminada (*)	Bejinho	-	Arbusto	Casca
<i>Machaerium caudatum</i>	Juquiri	<i>Koveĩ ãa, Koetinha, Koetinga, Coventiã</i>	Cipó	Folha
<i>Mimosa</i> sp	Caquira	<i>Kakira</i>	Arbusto	Folha
<i>Ormosia</i> sp	Olho-de-cabra	<i>Yway Iwangi</i>	Árvore	Semente
<i>Parkia</i> sp	-	-	Árvore	Seiva
<i>Sclerolobium</i> sp	Tachi	<i>Ywyeantim, Kaiabopoti</i>	Árvore	Casca
<i>Senna multijuga</i>	Pau-cigarra, Caquira	<i>Tapehi, Tapevy, Topehya, Topeija</i>	Árvore	Folha
<i>Senna</i> sp	-	<i>Timoata, Tymboatã, Tymoatã, Timontã</i>	Arbusto	Caule, Raiz
Humiriaceae				
<i>Duckesia verrucosa</i>	Uchi-coroa	<i>Gogorana, Tapenha pégua, Tapunha Pygwa, Wichikuru</i>	Árvore	Casca, Entrecasca
<i>Endopleura uchi</i>	Uchi-liso	<i>Wichi, Manduuwa, Manuva</i>	Árvore	Casca, Entrecasca
Hypericaceae				
<i>Vismia</i> sp	Lacre	-	Árvore	Látex
Indeterminada				
Indeterminada	-	<i>Eijuruhaiva pohã ã</i>	Desconhecido	Indeterminada
Indeterminada	-	<i>Jyowi</i>	Desconhecido	Folha
Indeterminada	-	<i>Ipopévuhu</i>	Cipó	Indeterminada
Indeterminada	-	<i>Juruwahiwapoã</i>	Árvore	Látex
Indeterminada	-	<i>Moangi</i>	Desconhecido	Folha
Indeterminada	-	<i>Moitiniã</i>	Desconhecido	Folha
Indeterminada	-	<i>Tarakwaptera</i>	Cipó	Folha, Ramo
Indeterminada	-	<i>Trakua pytera</i>	Cipó	Caule

Família/Espécie	Nome em Português	Nome em Tenharim	Hábito	Parte usada
Indeterminada	-	<i>Ururupwangi</i>	Desconhecido	Indeterminada
Indeterminada	Guaribinha	-	Cipó	Caule
Indeterminada	Macaco-velho	-	Cipó	Caule
Lamiaceae				
<i>Hyptis</i> sp	Hortelãzinha	<i>Gwyrirywangi</i>	Erva	Folha
<i>Mentha arvensis</i> (*)	Vick	-	Erva	Folha
<i>Mentha spicata</i> (*)	Hortelã	-	Erva	Folha
<i>Ocimum gratissimum</i> (*)	Alfavaca	-	Subarbusto	Folha
Lauraceae				
<i>Aniba rosaeodora</i>	Pau-rosa	-	Árvore	Resina
Lecythidaceae				
<i>Bertholletia excelsa</i>	Castanheira	<i>Nhayva, Nhahã'yva, Ñayba</i>	Árvore	Broto, Entrecasca, Semente
Indeterminada	Castanhola	-	Árvore	Casca, Folha
<i>Lecythis pisonis</i>	Sapucaia	-	Árvore	Casca
Lygodiaceae				
<i>Lygodium venustum</i>	Macaco-seco	-	Erva	Raiz
Marattiaceae				
<i>Danaea cf. media</i>	Macaco-seco	-	Erva	Raiz
Menispermaceae				
<i>Abuta</i> sp	Bota	<i>Yrovuhu, Yrovyhu, Dyrobogy, Irawohu, Yroruhu, Yrouwu, Yrauhu, Wyrauhu, Wyrohu</i>	Cipó	Caule, Entrecasca, Folha
<i>Abuta</i> sp	-	<i>Ka'a</i>	Árvore	Folha
Metaxyaceae				
<i>Metaxya rostrata</i>	Macaco-seco	<i>Anhãkwera mboitahau</i>	Erva	Raiz
Moraceae				
<i>Brosimum</i> sp	Amapá	<i>Bururehu</i>	Árvore	Látex
<i>Brosimum</i> sp	-	<i>Inguaiva</i>	Árvore	Látex
Indeterminada	Gasolina	<i>Bururé</i>	Árvore	Casca
Indeterminada	-	<i>Muiratinga</i>	Árvore	Látex
<i>Naucleopsis ulei</i>	Barbudo	<i>Ydywahauwae, Miratinga,</i>	Árvore	Látex

Família/Espécie	Nome em Português	Nome em Tenharim	Hábito	Parte usada
		<i>Diwawé,</i> <i>Yndywaha,</i> <i>Jywawaé</i>		
Myristicaceae				
<i>Virola calophylla</i>	Sangue-de-dragão	<i>Nhimbitaywa,</i> <i>Joroai</i> <i>wapuaña,</i> <i>Imamu hueté</i>	Árvore	Resina
<i>Virola cf. multicostata</i>	Sangue-de-dragão	<i>Ajuwari</i> <i>apuranga</i>	Árvore	Resina
<i>Virola sp</i>	Sangue-de-dragão	-	Árvore	Resina
Phyllanthaceae				
<i>Phyllanthus niruri</i>	Quebra-pedra	-	Subarbusto	Caule, Folha, Raiz, Ramo
Piperaceae				
<i>Piper sp</i>	Anestesia	-	Arbusto	Folha
Plantaginaceae				
<i>Scoparia dulcis</i>	Vassourinha	-	Subarbusto	Folha
Poaceae				
<i>Cymbopogon citratus</i> (*)	Capim-santo	-	Erva	Folha
<i>Eleusine indica</i> (*)	Capim-pé-de-galinha	-	Erva	Raiz
Polypodiaceae				
<i>Phlebodium decumanum</i>	Rabo-de-guariba	-	Epífita	Raiz
Rhamnaceae				
<i>Ampelozizyphus amazonicus</i>	Saracura, Saracura-muirá	<i>Nhangwāpohāg</i> <i>wagwyhua</i>	Cipó	Raiz
Rubiaceae				
<i>Capirona decorticans</i>	Pau-mulato, Mulateiro	<i>Odykete ywaé</i>	Árvore	Casca
<i>Chomelia sp</i>	Unha-de-gavião, Unha-de-gato	<i>Kwanduhu</i> <i>puampé</i>	Arbusto	Folha
<i>Uncaria guianensis</i>	Unha-de-gavião, Unha-de-gato	<i>Kwandua</i> <i>poñapé</i>	Cipó	Folha
Sapindaceae				
<i>Allophylus cf. latifolius</i>	Vick	<i>Gwararu pohāgi,</i> <i>Itakwapitera,</i> <i>Guararupwang</i> <i>wi</i>	Arbusto	Folha, Seiva
Sapotaceae				

Família/Espécie	Nome em Português	Nome em Tenharim	Hábito	Parte usada
<i>Micropholis guyanensis</i>	Maparajuba	-	Árvore	Látex
Solanaceae				
<i>Physalis angulata</i> (*)	Joá	<i>Kajuaru, Kanapu</i>	Erva	Semente
Verbenaceae				
<i>Lantana camara</i>	Milho-de-grilo	-	Arbusto	Folha
<i>Lippia alba</i> (*)	Erva-do-campo	-	Subarbusto	Folha, Ramo

Fonte: Trabalho de campo.

Das 104 espécies vegetais cadastradas com de uso medicinal, 59 foram identificadas até espécie, 24 até gênero, 10 até família e 11 permanecem indeterminadas, ou seja, não foram identificadas taxonomicamente. O número de indeterminações taxonômicas pode ser justificado pela impossibilidade de coletar e retirar material botânico de terras indígenas, dificultando o processo de identificação destas espécies, já que este depende da consulta a herbários.

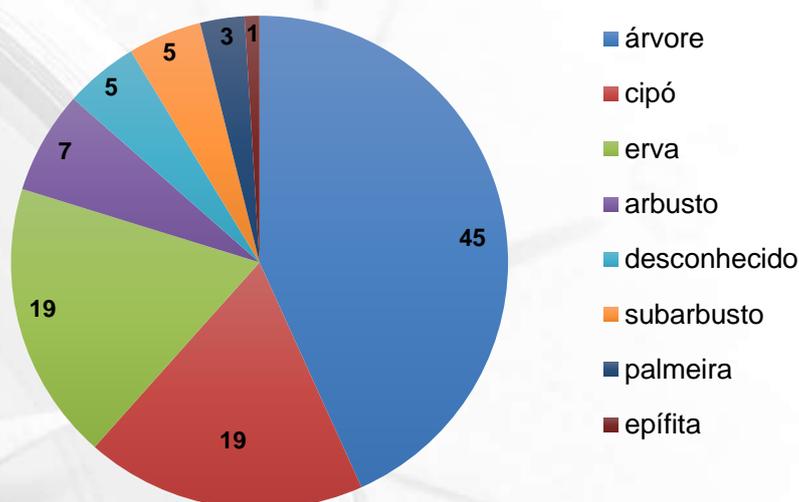
A figura 02 apresenta a quantificação do número de espécies vegetais com uso medicinal identificadas nas diferentes aldeias tenharim de acordo com a forma de vida. As espécies arbóreas são as mais utilizadas, com 45 táxons identificados, seguido dos cipós e ervas com 19 espécies cada, os arbustos com sete, subarbustos com cinco, palmeiras com três e epífitas com uma espécie. Ainda foram registrados cinco táxons que não puderam ter sua forma de vida identificada, pois foram apenas relatados pelos entrevistados.

Com relação às partes utilizadas de cada planta, a casca e a entrecasca, os exsudatos (seivas, resinas e látex) e as folhas são as com maior utilidade para tratamento medicinal popular, provavelmente por causa da facilidade de coleta e devido à praticidade de se extrair suas propriedades por meio de infusão. Outras partes vegetais utilizadas para o preparo de remédios são os troncos/ramos/caules, as raízes, sementes, flores e a polpa dos frutos.

A quantificação das partes da planta indicadas para preparo de remédios que são mais utilizadas pelos tenharim é apresentada na figura 03. Nota-se que a partir de partes das folhas (folha, folíolos, pecíolo e/ou raque) são preparados 37 tipos diferentes de remédios, seguido da casca/entrecasca (n=28), dos exsudatos (seiva, resina, látex) (n=22), das partes lenhosas (ramo, caule e/ou tronco) (n=16), das raízes ou ritidoma (n=12), das

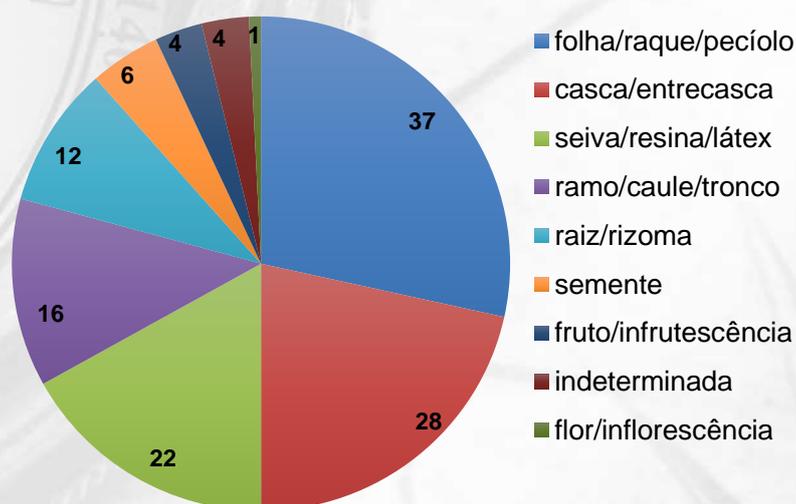
sementes (n=6), dos frutos/infrutescências (n=4) e de flores/inflorescências (n=1). Além destes, para quatro tipos de remédios não foram identificadas as partes utilizadas, visto que foram relatados apenas os nomes dos mesmos.

Figura 02 – Quantificação do número de espécies vegetais com uso medicinal pelos tenharim nas diferentes formas de vida.



Fonte: Trabalho de campo.

Figura 03 – Quantificação das partes das plantas utilizadas para preparo dos remédios dos tenharim



Fonte: Trabalho de campo.

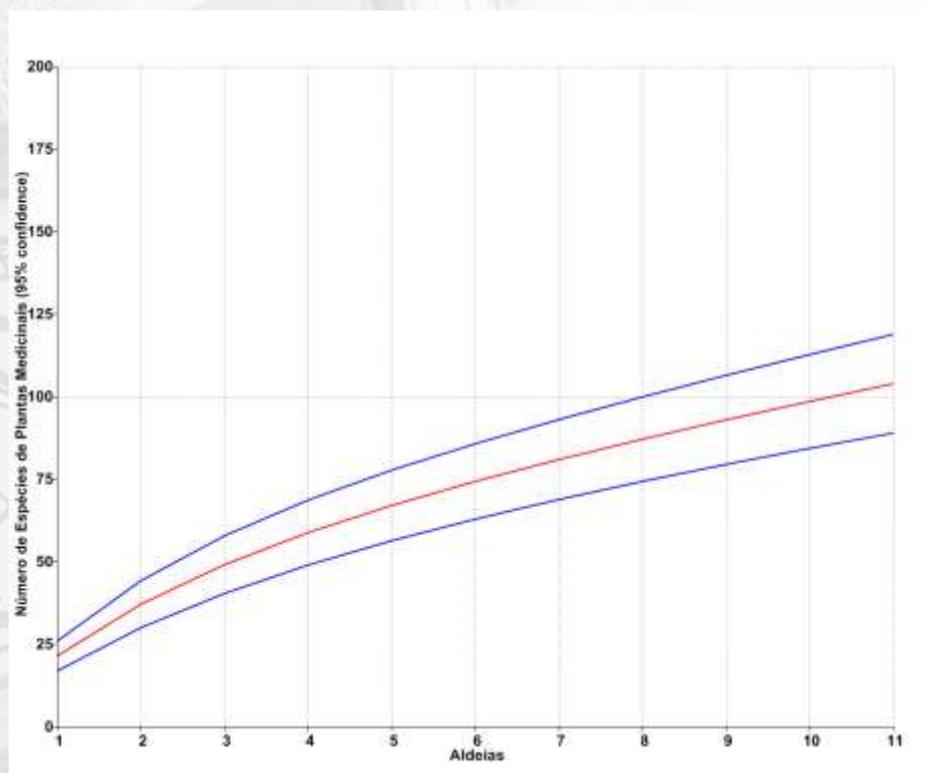
A utilização mais ou menos intensa de plantas medicinais em cada uma das dez aldeias tenharim estudadas parece estar ligada a diferentes fatores, como a existência de pessoas que detêm o conhecimento de como identificar, encontrar e utilizar a planta que

possibilitará a preparação de determinado remédio, a importância que é dada à tradição e as especificidades ambientais de cada uma das aldeias.

Para as aldeias que possuem tanto ambientes de Floresta Ombrófila como manchas de vegetação de Savana, houve, provavelmente devido à maior diversidade de ambientes, uma maior diversidade de plantas medicinais utilizadas.

Uma análise do esforço amostral realizado em cada uma das aldeias tenharim neste estudo, visando identificar a diversidade de plantas medicinais, revela apenas uma tendência à estabilização da curva de acúmulo das espécies (Figura 04). Isso demonstra o enorme conhecimento tenharim em relação ao aproveitamento dos recursos naturais em práticas medicinais e que este é diferente em cada uma das aldeias, apesar da proximidade geográfica, política e cultural, não estando ligado somente às variações ambientais.

Figura 04 – Curva de acúmulo de espécies vegetais com propriedades medicinais identificadas nas aldeias tenharim.



Fonte: Trabalho de campo.

Nota: Os números de 1 a 11 se referem às dez aldeias e a Rodovia do Estanho, consideradas como pontos de amostragem. A linha vermelha do gráfico é a média de todas as curvas de acúmulo de espécies medicinais possíveis, construídas a partir da aleatorização da sequência dos pontos de amostragem (dez aldeias e a Rodovia do Estanho). As linhas azuis representam o intervalo de confiança de 95%.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações entre os tenharim e o ambiente em que vivem são complexas, evidenciando-se uma interação mítica entre estes indígenas e os elementos da natureza. É evidente a interação entre as espécies vegetais e os tenharim e a importância sociocultural do uso e conhecimento tradicional de determinadas plantas na comunidade indígena estudada, sendo que a escolha de algumas plantas para tratamentos específicos podem estar ligadas não somente na ação farmacológica, mas principalmente em função de um significado cultural que lhe seja atribuído.

Há uma preocupação dos tenharim na preservação da sua cultura, o que está sendo trabalhado dentro da comunidade. A grande variedade de espécies vegetais registradas neste estudo demonstra que o uso das plantas pelos tenharim é abrangente, sendo muito significativa a quantidade de espécies vegetais usadas na medicina profilática e curativa, vital para a sobrevivência cultural e ecológica destes indígenas.

Estudos etnobiológicos devem ser realizados e divulgados, para a conservação e proteção do conhecimento das populações tradicionais e dos recursos naturais existentes nos seus territórios.

REFERÊNCIAS

- APG III. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 181, p. 1-20. 2016.
- ALCORN, J. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R.E.; REIS, S. (ed.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Portland: Dioscorides Press, p. 23-39, 1995.
- AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (org.). **Plantas medicinais: Arte e Ciência, Um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: EDUSP, p. 47-68, 1996.
- BERNARD, R. **Research Methods in Anthropology: Qualitative and Quantitative Approaches**. Almira Press, New York. 2002.
- BETTS, V. **Kagwahiva Dictionary**. Anápolis: Associação Internacional de Linguística, 2012. 223 p.
- BÓIA, M. N.; COSTA, F. A. C.; SODRÉ, F. C.; PEDROZA, B. E. P.; FARIA, E. C.; MAGALHÃES, G. A. P.; SILVA, I. M. Tuberculose e parasitismo intestinal em população

indígena na Amazônia brasileira. **Revista de Saúde Pública**, v. 43, n. 1, p. 176-178, 2009.

CLAVAL, P. As Abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, E. I.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (org.). **Explorações Geográficas - percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 89-117, 1997.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V.; SILVA, V. C. F.; FIGOLS, F. A. B.; ANDRADE, D. **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP. 2000. 211 p.

FLORA BRASILIENSIS. **Sistema de informação on-line sobre a flora brasileira**. Disponível em: <<http://florabrasiliensis.cria.org.br/project>>. Acesso em: 25 jun. 2021.

FUNASA. Fundação Nacional da Saúde. **Relatório de morbimortalidade**. Brasília: Fundação Nacional de Saúde, 2003.

GADGIL, M. Biodiversity and Indians degraded lands. **Ambio**, v. 22, p. 167-172, 1993.

GARNELO, L.; BRANDÃO, L.C.; LEVINO, A. Dimensões e potencialidades do sistema de informação geográfica na saúde indígena. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, p. 634-640, 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Manual técnico da vegetação brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. 271 p.

ISA. Instituto Socioambiental. **Terras Indígenas no Brasil**. Versão março/2018. Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/pt-br>>. Acesso em: 22 jun. 2021

LÉVÊQUE, C. **La biodiversité**. Paris: Presses Universitaires de France, 1997. 128 p.

LÉVI-STRAUSS, C. As organizações dualistas existem? In: **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, p. 147-178, 2008.

LEVINO A. e OLIVEIRA, R.M. Tuberculose na população indígena de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 23, p. 1728-1732, 2007.

MENÉNDEZ, M. A. **Os Kawahiwa: uma contribuição para o estudo dos tupi centrais**. 1989. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo. 1989.

MINAYO, M. C.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 9, p. 239-262, 1993.

MINNIS, P. E. **Ethnobotany**. Norman: University of Oklahoma Press, 2000. 327 p.

PEGGION, E. A. Ritual e vida cotidiana no sul do Amazonas: os Tenharim do rio Marmelos. **Perspectivas**, São Paulo, v. 29, p. 149-168, 2006.

SALVI, R. M.; HEUSER, E. D. **Interações medicamentos x fitoterápicos**: em busca de uma prescrição racional. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. 116 p.

SILVA, R. A. **Os tenharim: a pessoa, o corpo e a festa**. 2006. 173 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. 2006.

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. **Botânica sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG IV**. Nova Odessa: Plantarum. 2019. 768 p.

VELOSO, H. P. Sistema fitogeográfico. In: **Manual técnico da vegetação brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, p. 9-38. 1992.

VIERTLER, R. B. Métodos Antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. M. P. (org.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, p. 12-29, 2002.
